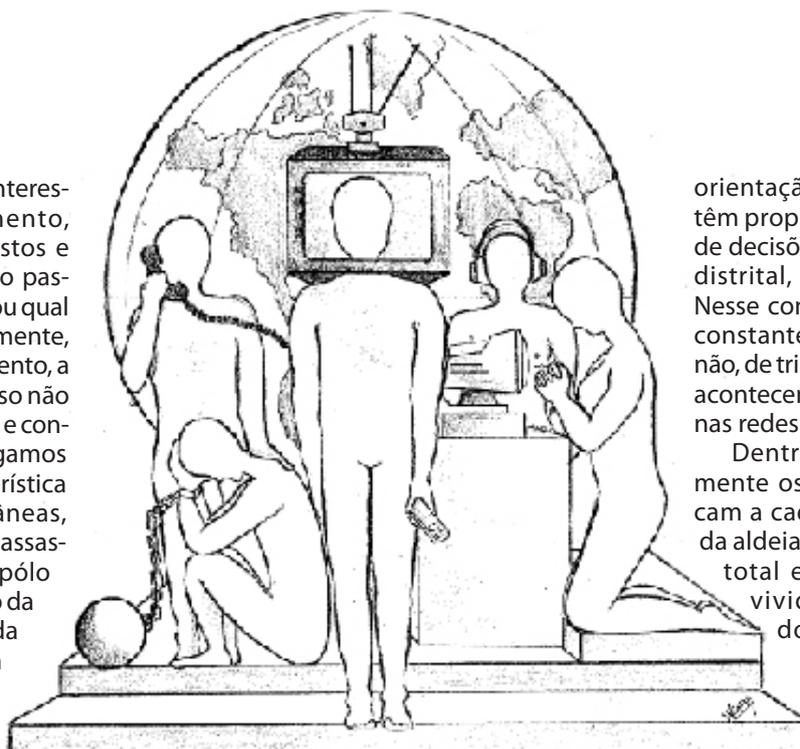


A comunicação e a nova ordem: um pequeno ensaio sobre a tribalização do mundo

Ricardo Ferreira Freitas*

“**C**onforme os interesses do momento, conforme gostos e ocorrências o investimento passional irá conduzir para tal ou qual atividade... O que, naturalmente, induz a adesão e o afastamento, a atração e a repulsa. Tudo isso não ocorre sem dilaceramentos e conflitos de toda ordem. Chegamos agora, e isso é uma característica das cidades contemporâneas, à presença da dialética massas-tribos. Sendo a massa o pólo englobante, e a tribo o pólo da cristalização particular, toda a vida social se organiza em torno desses dois pólos num movimento sem fim.” (Maffesoli, 1987, p. 176)

O final do século esboça uma nova ordem mundial fundada na explosão de comunicações, na proliferação de objetos de consumo e nos paradoxos planetários de riqueza e pobreza. As novas tecnologias de informação, de comunicação e transportes ligam cidades-regiões compondo redes mundiais e tribais que transcendem a estrutura tradicional do Estado-nação. Segundo Edgar Morin e Anne Brigitte Kern, “Os Estados-nações... são hoje muito pequenos para os grandes problemas inter e transnacionais: ...economia... ecologia... drogas... são problemas



planetários que excedem as competências nacionais...” (1993, p.82-83).

Porém, ao mesmo tempo que registramos a inscrição definitiva da mundialização na vida das massas, percebemos também um certo deslocamento do poder de decisões em direção às cidades; a universidade e as ciências em geral se preocupam com esse quadro, como podemos perceber nas áreas de Direito, Comunicação Social, Medicina, Sociologia etc.. Hoje, os juizados de pequenas causas, os serviços de atendimento ao consumidor, o Sistema Único de Saúde e a própria

orientação legal dos municípios têm propiciado um maior número de decisões em nível local, seja ele distrital, municipal ou regional. Nesse contexto, percebemos uma constante formação, efêmera ou não, de tribos mundiais e locais, que acontecem nos espaços urbanos e nas redes de comunicação.

Dentro deste quadro, obviamente os paradoxos se multiplicam a cada instante. Os prazeres da aldeia global, da interatividade total e do mercado colossal, vividos em várias regiões do planeta, se opõem à desintegração, ao abandono e à miséria de outras regiões. Não se crê mais na esperança de uma ordem estabelecida. Após a

Segunda Guerra Mundial, para tentar encontrar algumas explicações sobre as sociedades, é necessário considerar em primeiro lugar um fenômeno que envolve todo o mundo: a comunicação. E é exatamente a transnacionalidade conseqüente à explosão de comunicações nos espaços urbanos que nos obriga hoje a pensar a comunicação dirigida e de massa para tentar compreender qualquer relação social.

A comunicação e a nova ordem

mundial

O período do pós-guerra é caracterizado pelo impressionante incremento dos meios de comunicação, sobretudo pelos investimentos nos meios técnico-eletrônicos. Esta explosão de comunicações apresenta nos anos 90 uma interessante contradição: a informação é ao mesmo tempo o bem mais caro da sociedade pós-moderna e o mais banal. Segundo Vattimo, a multiplicação de máquinas informacionais marca o fim da modernidade; na pós-modernidade, tudo se torna objeto de comunicação (Vattimo, 1990, p.13).

Um caos objetal no qual o homem tenta ser feliz. Aristóteles notou que "o homem é por natureza um ser feito para viver em uma pólis" (Annas, 1989, p.309); um ser gregário. Isso induz o homem urbano a um dilema permanente entre sentir-se nativo e forasteiro, o que tem uma relação fortíssima com esta sociedade planetária, a "prometida" transparente pela mídia de massa, entrecortada por comunicações vindas de todos os lados. Podemos também pensar nessa efervescência ao mesmo tempo mundial e tribal quando Maffesoli fala da "tribalização do mundo" e da explosão da comunicação: "Maquinismo a não poder mais, lazeres invasores e imperativos, rapidez de relações e meios de comunicação, tudo contribui a esta 'intensificação da vida dos nervos' (Einsteigerung des Nervenslebens) que, segundo Simmel, é próprio das metrópoles modernas, e que, obviamente, aumentou consideravelmente nas megalópoles pós-modernas. É bem evidente que esta cadência desenfreada gera uma dinâmica social específica. No mínimo ela é o indício de uma transformação sócio-cultural de importância. Basta, a este respeito, fazer uma rápida referência ao prodigioso desenvolvimento da tecnologia da distância (telos): televisão, telecópia, para se dar conta que a efervescência em questão é planetária". (Maffesoli, 1992, p.194)

A era do tele e do trans aponta para uma nova ordem mundial. O marxismo caiu no Leste e em seu capitalismo o Ocidente se compreende mal. Os problemas dos últimos anos mostram bem que não há um inimigo unívoco; há vários: as nuvens radioativas, a AIDS,

a explosão demográfica, as implosões geopolíticas, a fome, as grandes migrações, as extensões das zonas de grande pobreza etc.

O sentimento de insegurança e a denúncia geral da decadência do conceito de Estado-nação levam a humanidade a se dar conta de que a "crise" é inteiramente planetária. Mundialização, globalização: duas palavras que parecem emanar uma tendência de circularidade, tornando obsoleta a noção de imperialismo. No fim do século XX, com o desgaste do marxismo e seus conseqüentes antagonismos, a antiga questão do sentido da existência desloca-se do político para outras esferas. O homem entrega-se superficialmente ao mesmo tempo a várias frentes, especialmente naquelas propostas pela publicidade e pela moda. Mas, para poder entregar-se, é preciso dinheiro. Moscovici tem razão quando diz que é necessário estudar o dinheiro nas ciências do homem. Sua inquietação pode ser melhor compreendida ao retomarmos a discussão sobre a confusão da nova ordem mundial: ela repousa não só sobre um conjunto de elementos e estruturas econômicas e políticas, mas passa também pelo imaginário social e todas suas redes de comunicação: "... se o dinheiro tem desde muito um papel na troca, na produção e na dominação, ele nunca foi tão determinante como é hoje. E por isso a economia moderna é monetária antes de ser capitalista ou industrial. Ela modela as relações entre os indivíduos, seus sentimentos e modos de pensar, neste espírito. A fórmula do novo tipo humano que lhe corresponde, ele deve procurar na moeda." (Moscovici, 1988, p.316)

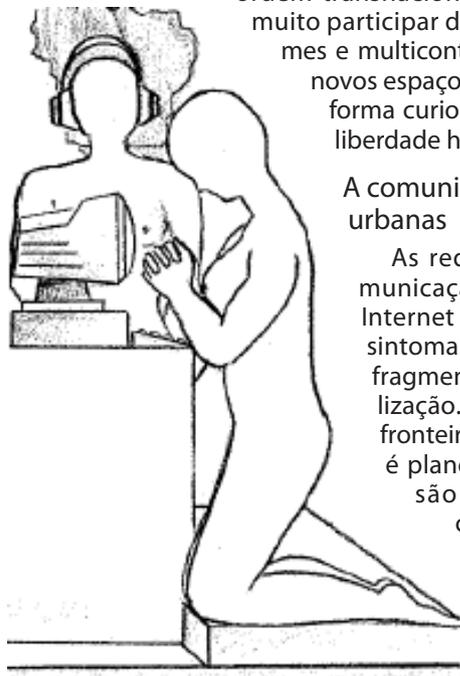
Talvez Moscovici exagere quando afirma que é preciso buscar o novo tipo

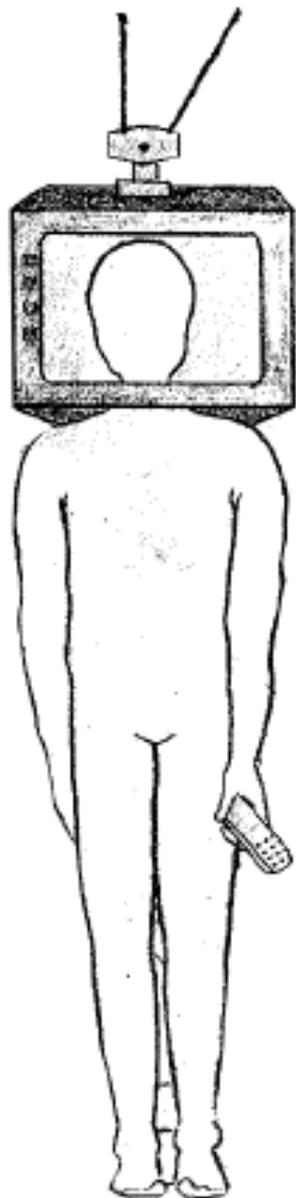
humano na moeda, porém, de qualquer forma, é preciso considerar que os códigos monetários têm um papel fundamental na nova ordem mundial. Não é preciso ter dinheiro para passear nos centros comerciais, por exemplo, mas é fácil perceber que aqueles que passeiam detêm um certo domínio de uma ordem "sem fronteiras"; uma ordem transnacional; eles apreciam muito participar das redes multiformes e multicontidas que dão aos novos espaços monetários uma forma curiosa de exercício da liberdade humana.

A comunicação e as tribos urbanas

As redes atuais de comunicação (telefone, fax, Internet etc.) apresentam sintomas do paradoxo de fragmentação e de globalização. Há ameaças sem fronteiras, a comunicação é planetária, os códigos são transnacionais, contudo, simultaneamente, as tribos e os espaços de estética efêmera multiplicam-se. Contradições semelhantes ressoam na organização imaginária dos indivíduos e fazem crescer os sentimentos de estranheza e de alienação, sentimentos que estimulam a adesão às redes de todo tipo e que "imediatizam" as ações no cotidiano urbano. Isso pode mais do que nunca ser bem percebido nos agrupamentos virtuais proporcionados pela Internet e também nos agrupamentos efêmeros dos shopping centers, museus e centros culturais.

Passar o tempo, satisfazer os apetites. Uma aceleração formidável de acontecimentos que se atropelam, reagindo uns com os outros. Ninguém pode pretender, hoje, ter uma visão clara, ordenada desta massa de fatos: a pós-modernidade parece ser alguma coisa "laser", microondas automatizadas. Weber acreditava em um capitalismo vencedor da religião e, por conseqüência, em uma substituição dos dogmas religiosos pelos objetos: "O





espírito do ascetismo religioso escapou da gaiola - definitivamente? Quem saberia dizê-lo... Seja como for, o capitalismo vencedor não tem mais necessidade deste apoio desde que ele repouse em uma base mecânica (...) Ninguém sabe ainda quem, no futuro, ocupará a gaiola, nem se, no fim deste processo gigantesco, aparecerão profetas inteiramente novos, ou uma poderosa renascença dos pensamentos e dos ideais antigos, ou ainda no caso em que nada disso se realize - uma petrificação mecânica, ornamentada de um tipo de vaidade convulsiva." (Weber, 1964, p.224-225)

A comunicação favorece a vaidade

convulsiva da qual Weber fala, mas, na pós-modernidade, a adoração da imagem religiosa é substituída pela contemplação do objeto de consumo. A efemeridade dos signos de nossa "vaidade convulsiva" nos inclina a considerar a mobilidade do imaginário social: os emblemas da sociedade passeiam por caminhos simbólicos nos quais as redes de comunicação proliferam assim como as tribos urbanas. Via consumo nos espaços urbanos ou via lazer virtual, as tribos urbanas proliferam-se de forma coerente à nova (des)ordem mundial; efêmeras, planetárias ou extremamente localizadas, essas tribos utilizam todos os códigos da contemporaneidade transitando pelas opções de consumo e de comunicação.

Conclusão

As contradições, os paradoxos, os extremos fazem parte do cotidiano urbano. A cidade transnacional é, ao mesmo tempo, heteronômica e anônima, reunindo a simbologia da ordem do plural. Seu incremento objetual reterritorializa os espaços e as tribos e anima a construção de novos modelos de comunicação a cada avanço tecnológico. Nas cidades, à banalização do objeto, somam-se a "crise", as guerras e os massacres, a escalada de integridades, a miséria, a inflação, a deflação... As famílias se inquietam com o consumo de sobrevivência, a toxicomania aumenta no mundo - as culpas são imputadas à "crise" - títulos, argumentos, jargões freqüentes da imprensa mundial.

É nesse sentido que Michel Maffesoli se destaca entre os autores mundiais. Sua atenção permanente sobre a comunicação. Quando analisa as questões da cidade contemporânea, fornece um suporte teórico fundamental para todos aqueles que tratam desse assunto. Sua visão sobre as tribos urbanas é aplicada ao cotidiano em diversos níveis como podemos perceber tanto em iniciativas mercadológicas quanto em tratamentos acadêmicos. Com Maffesoli, Morin, Moscovici, entre outros, podemos destacar a importância cada vez maior de se considerar a cidade e as novas relações econômicas e sociais ao se tentar esboçar qualquer pensamento sobre a nova ordem mundial.

O mundo se transnacionaliza em

vários níveis (consumo, turismo, automação etc.) e se fragmenta também em diferentes níveis (a descentralização urbana - ou multiplicidade dos centros -, as guerras, as disjunções sociais etc.). Composta de hegemonias unificadoras e dissolventes, a contemporaneidade invade o cotidiano com noções obscuras de identidade, idealismo e teoria; o diferente se mescla ao indiferente a cada instante.

Bibliografia

- ANNAS, J. *Dictionnaire de la pensée politique*. Paris: Hatier, 1989.
- MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- _____. *La transfiguration du politique*. Paris: Grasset, 1992.
- MORIN, E. & KERN, A. B. *Terre-patrie*. Paris: Seuil, 1993.
- MOSCOVICI, S. *La machine à faire des dieux*. Paris: Fayard, 1988.
- VATTIMO, G. *La société transparente*. Paris: Desclé de Brower, 1990.
- WEBER, M. *L'éthique protestante et l'esprit du capitalisme*. Paris: Plon, 1964.

* Ricardo Ferreira Freitas é Doutor em Sociologia pela Université Paris V - Sorbonne e Diretor da Faculdade de Comunicação Social da UERJ.